



AMIZADE: o vale quanto pesa da literatura

Myriam Ávila¹

Bom conversador, tem amplo círculo de relações, muitos amigos, ex-alunos ou admiradores de seu trabalho. É presença requisitada em reuniões, não só pelo que sabe como pela sedução de uma palavra viva, interessante e sempre inteligente. (Francisco Iglesias – Elogio de Silviano Santiago)

Em “Ora (dizeis) puxar conversa!”², Silviano Santiago faz uma poderosa exposição do tema do diálogo e da amizade em Mário de Andrade, recortando-o contra o contexto da vida literária do poeta, marcada pelo investimento na correspondência. Ainda nesse contexto, lembra o papel do salão na composição do momento modernista no Brasil. O próprio Silviano, entretanto, forma-se como escritor em outros tempos, nos quais já não vigora o salão e a correspondência tem um caráter diferente, emprestado pelo uso quase universal da datilografia, menos ao pé do ouvido e, talvez, menos conversador. Na antologia de cartas de escritores brasileiros *A república das letras. De Gonçalves Dias a Ana Cristina César*, Santiago nos dá um panorama de dois séculos em que a conversa parece se encadear de uma geração à outra, passando de ocasiões de maior formalidade para um tom cada vez mais familiar nas primeiras décadas do século XX, chegando à falta de cerimônia do alto modernismo, voltando a certa sobriedade e economia e por fim, desembocando, no fim do século, em um registro intimista em que não se pretende mais distinguir vida de literatura. A conclusão que nos ocorre é que a correspondência sustentou, durante os dois séculos representados na antologia,

¹ Myriam Ávila é professora da UFMG.

² Refiro-me ao capítulo que faz parte da coletânea de mesmo título.

uma conversa essencial para o desenrolar da literatura brasileira, com variações devidas aos contextos específicos desse e daquele período.

As diversas implicações do vocábulo “conversa” nos ensaios de Silviano Santiago foram rastreadas com habilidade por Evelina Hoisel em *O entre-lugar da afetividade e do saber* (2005). Hoisel mostra que ao apropriar-se da expressão “puxar conversa”, que o atrai em carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond, Santiago opera uma série de deslocamentos a cada inserção da mesma nos diversos ensaios, de forma a transformá-la em “*leitmotiv* do campo teórico-crítico” do ensaísta.

O tema da conversa se sobrepõe ao da correspondência em Silviano Santiago, embora não se restrinja ao âmbito desta na cena literária, assim como – para o crítico – expande-se ainda até a cena crítico-acadêmica. Aliás, é o cultivo do ambiente da conversa – que a introdução a *A república das letras* sugere ter saído dos bares – que marca e singulariza o trabalho de Silviano também na discussão acadêmica. Em lugar de estudar a literatura brasileira em condições de laboratório³, as famosas condições ideais de temperatura e pressão, ele faz da tribuna que inevitavelmente é o livro ou o periódico acadêmico um lugar de conversação comprometida com o presente, interessada, vital.

80

É esse tom que ouvimos em “O intelectual modernista revisitado” (1989). Já no curto prefácio ao livro que abriga esse ensaio, *Nas malhas da letra*, Silviano evoca André Gide como autor-farol, entendido como “homem em diálogo”, no qual tudo “combatia e se contradizia”. Nesse ensaio, Santiago se coloca a contrapelo de toda uma recepção irritada do estudo de Sérgio Micelli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Apesar das ressalvas que não deixa de fazer a esse estudo, sua argumentação volta-se para o desvelamento da reação que provoca como o incômodo diante da ferida exposta que vem manchar o “retrato alindado”⁴ dos modernistas brasileiros, rompendo o silêncio que envolvia sua atuação na máquina governamental da época.

Desse modo, Silviano recusa-se a colocar os mais importantes nomes da literatura brasileira do século XX naquele espaço asséptico que Bakhtin

³ Ou no espaço sideral, como diria Rachel Esteves Lima.

⁴ Expressão de Mário de Andrade em carta a Carlos Drummond.

denominou “o passado absoluto”, onde nada pode atingi-los. No mesmo movimento, expõe a curiosa necessidade dos guardiães de nossos “valores” de preservar em formol seus objetos de estudo.

Portanto, o tom conversacional desse ensaio não tem nada de descompromissado, de “jogar conversa fora”. Tem mais a ver com a postura interessada, anti-olímpica, que o autor de *Em liberdade* assume no prefácio do livro de 89, onde se propõe “dramatizar preocupações da minha inquietação crítica” e assinala “a tônica e a consciência que tenho de minha tomada de posição”. A atitude interessada lhe permite certas percepções muito agudas, embora o coloque em posição de risco por se dar nas imediações do presente e não se valer do distanciamento que só a passagem do tempo vem trazer ao olhar sobre o vivido.

O trabalho de elaboração teórica em Silviano volta-se em muitos ensaios contra a visão domesticada, indulgente e pacificadora do passado, justamente por procurar nele o elemento vivo, o que permanece presente, o que ainda nos pode mover. Por contiguidade, a conversa como postura e procedimento associada à correspondência traz à tona o tema da amizade literária. Ao abordá-lo, em 1989, tomando como mote a provalada frase atribuída a Drummond “Nenhuma literatura vale uma amizade”, Silviano coloca como alvo duas facetas deformadas da conversa no ambiente crítico-literário brasileiro: “a mediocridade fofocuenta e a miséria opinativa”. Mostra a amizade, nesse contexto, como capa recobridora do clientelismo, um mot de passe para todo tipo de favorecimento e laxismo crítico. A verdadeira amizade – afirma – é a que não prescinde da liberdade “descabelada” de brigar, dissentir, garantindo, com amor, o espaço da reação e a expressão não cerceada do outro.

Fazer afirmações contundentes em uma linguagem sem meios-tons (quem mais empregaria a palavra “fofocuenta” em um ensaio desse nível?) e não ter a mínima esperança de provocar uma discussão acalorada, ancorada em argumentação pertinente, talvez seja essa a maior miséria de um meio intelectual sem “sal, pimenta e açúcar”. Temos, é fato, presenciado polêmicas memoráveis (até mesmo pela raridade) entre críticos na imprensa brasileira, algumas delas relatadas por Flora Sussekind (protagonista de uma das mais acirradas dos últimos anos) em *Literatura e vida literária*. Mas o mais comum é vê-las resvalar para o terreno da amizade ultrajada e ressentida, que Silviano satiriza em “Amizade e

vida profissional”. Ou, pior ainda, no meu entender, nascer unicamente da necessidade fofoquenta de ver o circo pegar fogo.

Todos nós conhecemos a “blindagem” com que se procura proteger os maiores nomes da literatura brasileira do século XX. Esses fossos de proteção que se cavam preventivamente em torno de figuras mestras foram desconstruídos por Silviano em “O intelectual modernista revisitado” como um desserviço ao conhecimento e mesmo à apreciação daqueles mesmos autores e obras que se pretende preservar. Daí vem, talvez, a nostalgia que ataca o organizador de *A república das letras*, quando evoca seus tempos de estudante de Letras que, obediente aos protocolos acadêmicos na sala de aula, ensaiava à noite “cantar de galo” nas discussões de mesa de bar. Evelina Hoisel já cita, em seu artigo, a pergunta desconfiada do agora consagrado escritor e mestre: “Seria falso dizer que as novas gerações vêm perdendo a graça, os benefícios e os *desentendimentos* oriundos do convívio frutífero e engrandecedor com a palavra dos mais velhos?” (grifo meu). Ele mesmo responde, de forma também espertamente desconfiada: “Acredito que sim, acredito que não” (27).

Não é da natureza de Silviano Santiago dar a última palavra ou encerrar a conversa. Com relação à questão acima, tem consciência de que evidências contra e a favor de sua desconfiança podem vir a se apresentar à sua observação. Mas bastaria constatar? Ou a pergunta não é muito mais uma incitação a uma conversa que não deslancha? O escritor-craque chuta a pelota para os novos talentos e prepara-se para o drible. Bem à moda de Mário de Andrade, que também sabia que não tem graça ser o dono da bola.

Se Silviano reitera em texto após texto a importância da conversa e de seu veículo palpável, a correspondência, não parece lhe ser menos cara a noção da amizade e a relevância das alianças eletivas na constituição da rede literária brasileira. Em *A república das letras*, propõe que, assim como, nas cartas, diferem muito pouco o escritor e o homem, “também praticamente inexistente é o hiato entre amizade e admiração literária” (34). O entrelaçamento das duas fica bem claro nas correspondências de Mário de Andrade com diversos escritores⁵. Em outras palavras, amigo é aquele com quem se pode abertamente discutir literatura, na certeza de receber de volta uma resposta sincera, nem sempre em concordância

⁵ Ver, a respeito, Santiago, 2006, p.64.

e nunca conciliadora. A correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, organizada por José Almino de Alencar, mas ainda inédita, também contém contundentes exemplos de sinceridade às vezes dolorosa, mas sempre avalizada pela amizade:

O “Anjo da Guarda” tem um verso que quebra o poema: “Devia ter sido assim”. Aquele verso – releia, serenamente – é absolutamente excrescente. Nem compreendo como lhe acudiu! Não ajunta nada de notável ao sentido; e cai. O poema cai ali. Tire. (RC, 21.9.25)

ou

O seu poemeto é bom mas o francês está bem erradinho. (MB, 25/10/26)

A importância da crítica sincera é reconhecida por Silviano em sua própria experiência, como deixa claro na entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi⁶, ao explicar o motivo de seu retorno ao Brasil depois de 10 anos no exterior:

Tinha me dado conta de que não estava falando mais português.(...)Um dia o Alexandre Eulálio pegou um artigo meu e disse: "Silviano, vou ter que lhe dizer uma coisa: existem vários problemas de português neste seu artigo. O mais grave é o do uso de preposições. Você está com problemas seríssimos de regência verbal." Claro, regência verbal pesadíssima em francês, pesadíssima em inglês ... O comentário me deixou completamente enlouquecido. (2002, 162)

A conversa entre amigos, na qual – como assinala Silviano em “Suas cartas, nossas cartas” – muitas vezes um deles assume o papel do mestre, pode se dar por meio de cartas ou ao vivo, mas é um alimento imprescindível para o escritor. O ensaio, no qual um tom de conversa pode se insinuar, não passa de um fraco substituto. O leitor raramente responde e é, em si, uma entidade anônima, com quem se pode apenas esperar contar. Não entrarei aqui no mérito do texto literário como “mensagem na garrafa”, mas, para o estabelecimento da rede de amigos/admiradores/escritores, é evidente que ele não pode ter o apelo da carta – tão direta, tão segura de ser lida e respondida, tão imediata em seus resultados. Podemos dizer ainda, com base no depoimento de Silviano Santiago na introdução à antologia mencionada, que superior a tudo é a mesa de bar e que, nesse caso, a correspondência funciona como uma mesa de bar envelopada. Pode-se perceber em algumas cartas de escritores brasileiros, que elas foram escritas em rodas de

⁶ Entrevista com Silviano Santiago concedida em 2 de maio de 2002 a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. In: Estudos históricos. 2002 - 30. p. 149-173.

beberico, sob a influência da companhia imediata, contendo recados dos circunstantes e lamentando não contar ali com a presença do querido destinatário.

Já que as conversas de bar são muito raramente documentadas e recuperáveis, a carta passa a ocupar esse lugar de destaque na investigação de uma atmosfera de convivência entre escritores, a fonte mais viva para o que Silviano denomina, lembrando Brito Broca, “biografia da vida literária” (2003, 26). O papel dos diários de escritores para esse trabalho é menos relevante no Brasil do que em outros países, onde o gênero foi praticado de forma mais abrangente e com mais assiduidade. As memórias, muito mais numerosas entre nós que os diários, não são capazes de nos levar diretamente ao momento em que os fatos se dão, ainda não elaborados e contraditórios. Aliás, como comenta Silviano, em “O intelectual modernista revisitado”, referindo-se às memórias de escritores,

Diga-se de passagem que muitas delas deixam a desejar, já que os seus respectivos autores julgaram apenas interessante o relato dos acontecimentos infantis em família patriarcal. A infância foi o pasto privilegiado do boi-memória modernista (...) (1989, 168).

Considerando o valor que Silviano Santiago reconhece nesses documentos, seria possível imaginar que ele, por ter estado muitos anos afastado do Brasil, tenha acumulado cartas de remetentes os mais diversos e também se mostrado um correspondente contumaz em sua dupla vida de escritor e crítico. Essa suposta coleção, e outras que cobririam as últimas décadas do século passado, mostrar-se-ão, quando vierem a público, essenciais para o estudo de um período de atividade e de uma geração que já nos parecem permitir o distanciamento necessário para tal – os anos 60, 70 e até mesmo 80. Desse período, conta-se no momento com algumas poucas correspondências publicadas (Clarice, Leminski), embora a maioria esteja ainda por divulgar. A antologia organizada por Silviano disponibiliza oito cartas das décadas mencionadas, indo de 1963 a 1984 e acrescenta duas dos anos 90.

A seleção das cartas das últimas décadas do século XX inclui principalmente aquelas que tomam tempo para lançar ideias, assumir posturas ou que, de alguma forma, escapam da função recado e da função meramente fática de manter vivo o contato. Mas é de supor que uma coleção mais extensa de correspondências do último quartel do século deixaria ver uma aceleração da vida que interfere com o tempo exigido pela conversa, o desabafo, o comentário alongado. É possível que Silviano Santiago tenha sido, nessas décadas, menos um

correspondente de feição marioandradina que um rabiscador de bilhetes, que seguiam com os livros, novidades e recortes do exterior para os amigos deixados no Brasil. O fato de que, diante do corpus coletado para sua antologia, ponha-se a lembrar, não de trocas de cartas, mas de conversas presenciais nas noites boêmio-literárias de Belo Horizonte pode apontar para a pouca inclinação a cultivar o diálogo via correio. O que não se pode supor é que fosse, nos “anos de chumbo”, um amigo desatento ou pouco generoso.

Fui testemunha de sua preocupação em enviar aos amigos as novidades que encontrava no exterior e que, naqueles tristes anos 70, eram mais difíceis de chegar ao Brasil do que a imagem do homem na lua. Com efeito, Affonso Ávila, um dos poucos escritores de sua geração a permanecer exclusivamente no Brasil e, na maior parte do tempo, em Minas Gerais, pode contar com a sua generosidade para ter acesso a publicações do maior interesse – como era, por exemplo, a famosa *TriQuarterly*. Outra forma de colaboração, que Silviano destaca na entrevista de 2002⁷, é a obtenção de artigos “no exterior, de pessoas de altíssimo nível” (164) para a revista *Barroco*, dirigida por Ávila.

Duas breves menções a seu nome na correspondência entre Affonso Ávila e Haroldo de Campos mostram como Silviano funcionava como um canal de comunicação sempre antenado no círculo de escritores/amigos. A primeira, de 10 de setembro de 1961, refere-se à palestra de Jean-Paul Sartre no Rio: “de resto, perguntado sobre francis ponge (em conferência no rio de janeiro, como me referiu silviano santiago) [...] ele confirmou que ponge continuava sendo o poeta de sua preferência.”(Campos) . A segunda diz respeito a notícias de Haroldo de Campos “pelo Silviano, via New York” em 1968 (Ávila, 31.7.68).

As amizades seguem os tempos, não no sentido de que dependem da contingência para sobreviver, e sim de que têm de adquirir novas formas conforme soprem os ventos. E os ventos da ditadura militar no Brasil desenharam na praia da literatura e da crítica configurações novas. Mas, como diz o ditado inglês, “it’s an ill wind that blows nobody any good”. Com astúcia – palavra cara a Silviano – os escritores brasileiros se aproveitaram das circunstâncias para fortalecer suas redes, fazer correr por esse telégrafo sem fio as informações mais

⁷ Ver nota anterior.

recentes e mais vitais, muitas vezes difíceis de obter mesmo nos maiores centros, mas que os brasileiros conseguiam farejar com perspicácia.

Hoje as condições são outras. A informação é farta e fácil. A concorrência, em todos os campos, aumentou enormemente, transformando não raro a amizade em aliança provisória para fins imediatos. A crítica é mal aceita pelo mais iniciante dos iniciantes e os ensaios querem cada vez menos conversar. As mensagens eletrônicas podem ser deletadas e às vezes se perdem involuntariamente. Os pesquisadores que fazem crítica biográfica continuam, nessa nova configuração, encantando-se com a camaradagem e solidariedade que marcou o convívio de nossos mais caros escritores através de quase todo o século passado. É certo que as correspondências desses escritores nos revelam também todo um lado medíocre e falso da cena literária brasileira. Mas é difícil, hoje, lembrar uma grande amizade no campo da criação como da crítica atuais. Quem teria hoje a dedicação de um Drummond, de um Mário, ou, para incluir a segunda metade do século, a generosidade de um Leminski?

Não se trata, entretanto, de assumir um tom nostálgico, mas de avaliarmos criticamente o papel da amizade nos desenhos da nossa vida literária no século 20 e nos afastarmos cada vez mais da ideia do criador solitário, em busca de reconhecer o desenvolvimento compartilhado de cada carreira de escritor. (“Affonso Ávila está por detrás de Salto, livro de poemas. Rui Mourão publica meu primeiro romance, *O olhar*. Eles me ajudam muito, e eu a eles.”⁸).

Um livro de Silviano Santiago, *A vida como literatura* (2006), que ainda não tinha sido lembrado aqui, retoma o motivo da conversa a partir de *O amanuense Belmiro*. Avulta aí a relação entre a conversa e a escrita, como entre a vida e a literatura. O romance inicia-se com uma conversa de bar entre os amigos e se encerra quando os amigos se dispersam: “Não procurarei os amigos: se não me aparecem é porque já não me querem. Creio que já escrevi tudo o que havia em mim para escrever”. Antes, Belmiro já dissera: “ Eu e Silviano poderíamos escrever uma novela de parceria, se não houvesse o plano da *Memorabilia*.”. O colega burocrata Carolino não pode exercer o mesmo papel: é o embate de ideias em mesa de bar que dá sentido ao trabalho solitário da escrita como elaboração da vida. Compare-se essa formulação ao perambular do protagonista de *A tarde de*

⁸ Idem, p.164.

um escritor, de Peter Handke, que, tendo escolhido a reclusão, vê-se incapaz de produzir os textos que sua posição de escritor lhe demanda: “Como sempre, ele esperava, sem querer, encontrar algum recado ou notícia atrás da porta, atirado através da fenda do correio, e mais uma vez isso deixou de acontecer.” (1993, 75).

A amizade e a conversa constituem, assim, não apenas o *mise-en-scène* da literatura, mas o próprio *mise-à-écrire* que a torna possível. Silviano Santiago traz para sua ensaística, por meio desses combustíveis, o élan que pertence, por natureza, ao texto literário.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José Almino de. Pouso alto. Introdução inédita à correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (Sobre a metodologia do estudo do romance). In: *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010a, p. 397- 428.

BOMENY, Helena e Oliveira, Lúcia Lippi. Entrevista com Silviano Santiago concedida em 2 de maio de 2002. In: *Estudos históricos*. 2002 - 30 . p.149-173.

CORRESPONDÊNCIA AFFONSO ÁVILA – Haroldo de Campos. Inédita.

HANDKE, Peter. *A tarde de um escritor*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOISEL, Evelina. O entre-lugar da afetividade e do saber. In *Signótica*, v. 17, n. 1, p. 45-56, jan./jun. 2005

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. (org.) *A república das letras. De Gonçalves Dias a Ana Cristina César*. Cartas de escritores brasileiros 1865 - 1995. Rio de Janeiro: XI Bienal Internacional do Livro, 2003.

_____. *Ora (dizeis) puxar conversa!*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *A vida como literatura. O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Polêmicas, diários e retratos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

